



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

MARIANA MATTOS CUNHA

**A QUESTÃO DO NOME DO PAI
NA CONTEMPORANEIDADE**

Brasília
2013

MARIANA MATTOS CUNHA

**A QUESTÃO DO NOME DO PAI
NA CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de Pós-
graduação *Lato Sensu* na área de Teoria
Psicanalítica.

Orientadora: Prof^ª. Ciomara Schneider

Brasília
2013

MARIANA MATTOS CUNHA

**A QUESTÃO DO NOME DO PAI
NA CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu na área de Teoria Psicanalítica*

Orientadora: Prof^ª. Ciomara Schneider

Brasília, ____ de _____ de 2013.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nome completo

Prof. Dr. Nome completo

Prof. Dr. Nome completo

**A minha família por estar sempre
ao meu lado e torcendo por mim.**

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão importante da minha vida agradeço muito a Deus, pela força, proteção e por não ter me desamparado. Pois só tenho a agradecer-Lo por ter estado ao meu lado em todos os momentos.

À minha família tão querida, por terem dado tanta força, apoio e compreensão nos momentos de angústia e medo. À minha mãe Ana e minha avó Luiza que mesmo não estando presentes em carne e osso, tenho certeza que onde quer que elas estejam estavam me apoiando e me iluminando.

Às minhas tias Lilian e Vera, expresso aqui toda a minha gratidão por terem estado ao meu lado me apoiando nos momentos de desespero, de lágrimas e alegrias, me ajudaram muito e me ensinaram a nunca desistir daquilo que almejo. Ao meu avô Antonio que me deu muita força e apoio com suas palavras positivas. Ao meu irmão Igor e meu primo Plínio que me apoiaram da maneira deles.

A minha gratidão a todos os professores que durante esse tempo de curso pude aprimorar mais ainda meus conhecimentos. E um agradecimento em especial à professora e orientadora Ciomara Schneider que com toda sua paciência, exigência e atenção estando sempre pronta a me ajudar.

*“Pai, pode ser que daqui a algum tempo
Haja tempo pra gente ser mais
Muito mais que dois grandes amigos, pai e filho talvez*

*Pai, pode ser que daí você sinta, qualquer coisa entre esses vinte ou trinta
Longos anos em busca de paz....*

*Pai, pode crer, eu tô bem eu vou indo, tô tentando vivendo e pedindo
Com loucura pra você renascer...*

*Pai, eu não faço questão de ser tudo, só não quero e não vou ficar mudo
Pra falar de amor pra você*

*Pai, senta aqui que o jantar tá na mesa, fala um pouco tua voz tá tão presa
Nos ensina esse jogo da vida, onde a vida só paga pra ver*

*Pai, me perdoa essa insegurança, é que eu não sou mais aquela criança
Que um dia morrendo de medo, nos teus braços você fez segredo
Nos teus passos você foi mais eu*

*Pai, eu cresci e não houve outro jeito, quero só recostar no teu peito
Pra pedir pra você ir lá em casa e brincar de vovô com meu filho
No tapete da sala de estar*

*Pai, você foi meu herói meu bandido, hoje é mais muito mais que um amigo
Nem você nem ninguém tá sozinho, você faz parte desse caminho
Que hoje eu sigo em paz”*

Fábio Jr.

RESUMO

O presente trabalho buscou promover uma reflexão sobre a função do Pai em relação à mãe com seu filho. O trabalho foi baseado na visão psicanalítica, usando a teoria de Winnicott e Lacan. Foi feita uma descrição histórica do conceito de infância e da família. Em seguida exploramos a função materna como uma questão de sobrevivência para a criança e falamos também do pai como metáfora paterna sobre a visão lacaniana. O trabalho foi realizado no modelo quantitativo e depois mostramos mais detalhadamente a função paterna nas teorias de Winnicott e Lacan. Na discussão falou-se a respeito de tudo que foi escrito no presente trabalho. Mostramos como é importante termos a presença materna e paterna na vida de cada ser humano, independentemente dos pais serem biológicos ou não. Colocamos em discussão o poder que o pai tem, o significado do seu nome e o conceito familiar na contemporaneidade. É de grande importância que os profissionais da psicologia saibam orientar os familiares que precisam ser escutados e orientados.

Palavras chaves: Nome do Pai, relação parental, desenvolvimento.

ABSTRACT

The present study sought to promote reflection on the role of the Father in relation to the mother with her son. The work was based on psychoanalytic view, using the theory of Winnicott and Lacan. We conducted a historical description of the concept of childhood and family. Then explore the maternal role as a matter of survival for the child and the father also talked about how paternal metaphor Lacanian vision. The work was accomplished in quantitative model and then show in more detail the paternal function in the theories of Winnicott and Lacan. In the discussion there was talk about everything that was written in the present work. We show how it is important to have the maternal and paternal presence in the life of every human being, regardless of the parents are biological or not. We discuss the power that the father has the meaning of his name and familiar concept in contemporary times. It is very important that professionals know the psychology guide families that need to be listened to and oriented.

Keywords: Name of the Father, parental relationship, development.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	HISTÓRIA DO CONCEITO DE INFÂNCIA E DA FAMÍLIA	13
1.1	Evolução da ideia de infância na sociedade ocidental	13
1.2	Breve histórico da concepção de família	15
2	CONHECENDO E RECONHECENDO AS FUNÇÕES MATERNA E PATERNA NA ATUALIDADE	20
2.1	Mãe – uma questão de sobrevivência	20
2.2	O estatuto da Lei – a metáfora paterna	24
3	DISCUSSÃO SOBRE O PAI NAS TEORIAS DE WINNICOTT E LACAN	29
3.1	A função do Pai na teoria de Winnicott	29
3.2	O Nome do Pai na teoria de Lacan	31
4	DISCUSSÃO	35
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

As características de formação de uma família nos dias de hoje segundo Gomes (1998), não possuem mais um caráter universal, principalmente no tocante às mulheres. Elas estão cada vez mais ocupando seu espaço na sociedade, porque a estrutura social hoje se configura de um modo diferente do que existia há anos atrás. A estrutura da família está mais voltada para o equilíbrio emocional dos seus entes queridos, atenta aos detalhes da educação de seus filhos, de forma que eles se realizem, capacitando-os para o seu desenvolvimento, mas há as suas exceções, pois nem todas as famílias agem e pensam da mesma forma. As mulheres hoje estão bastante independentes, principalmente quanto a formação familiar, exercendo também o papel de pai na criação de seu filho.

O primeiro ano de vida do bebê é muito importante para a constituição do sujeito, pois ele vive as primeiras experiências afetivas que marcam a sua existência como única. Neste período de vida a mãe é uma figura muito importante, pois é nela que a criança se apoiará e suprirá as suas necessidades. A mãe é capaz de se sentir segura em relação ao bebê, de se sentir amada pelo pai da criança e sentir que tem apoio por parte da família. Segundo Winnicott (1982), o pai também é uma peça importante durante esta fase, mas nem sempre cumpre o seu papel, pois dependerá da atitude da mãe e dele próprio.

Quando a relação mãe e filho funciona bem, é sinal de que o ego da mãe tem capacidade de dar apoio ao filho e assim o ego da criança se tornará mais forte. Durante esse bom relacionamento surgirá a independência, pois a criança irá socializar-se com os outros sujeitos e fazer descobertas em seu próprio mundo. Com isso não dependerá

da mãe para fazer o que deseja e a mãe por sua vez poderá ir voltando ao seu ritmo de vida antes do nascimento do seu filho. (WINNICOTT, 1982)

É muito importante a criança saber que a função do pai não é somente de autoridade ou o medo que elas sentem perante esta figura severa. O pai por suas próprias características representa um ser de maior liberdade, que não superprotege os filhos como a mãe. Muitas das vezes os pais acabam sendo objetivos e racionais, mas fazem isso pensando no melhor para seus filhos e veem que a figura paterna é um exemplo de comportamento para eles. Sem contar que o suporte emocional que os pais devem dar aos seus filhos é muito importante, para que promova uma proximidade afetiva entre ambos.

O propósito do trabalho em questão é mostrar que o referencial paterno pode ser introduzido na vida da criança, mesmo que o pai como pessoa não esteja presente e sim funcione como uma função simbólica, seja com a sua presença ou com a sua ausência. É importante que não haja rivalidade entre o pai e a mãe para não causar nenhum tipo de sofrimento e afastamento do filho para com ambos. E é relevante que os pais acreditem que eles são capazes de agirem positivamente na criação de seus filhos.

Com base no exposto, mostra-se a importância de se realizar o presente trabalho de elaboração de Monografia da Pós Graduação em Teoria Psicanalítica, em que se espera mostrar a importância da função paterna na vida de uma criança que tem seus pais separados. O pai deveria ajudar a impor limites, mas ele também tem uma outra função importante que é a construção da autonomia da criança. É interessante destacar que em alguns casos, a função paterna não precisa necessariamente ser exercida pelo pai podendo ser exercida pela mãe. Segundo Hurstel (1999), o pai pode não ser o genitor, mas aquele com quem a criança se identifica, ocupando uma posição simbólica.

No primeiro capítulo procuramos mostrar como surgiu a concepção de infância e da família ao longo da história da humanidade até os dias de hoje, pois a intenção foi verificar se o conceito que se tem hoje foi sempre diferente ou não desde a antiguidade. No segundo capítulo foi estudada sobre a função materna e a metáfora paterna ambas na visão da psicanálise, com o objetivo de compreender a importância da relação de uma criança com seus pais ou responsáveis, para que a criança se desenvolva fisicamente e psicologicamente de forma equilibrada. O terceiro e último capítulo terá como objetivo fazer uma breve discussão sobre a função paterna na visão de Winnicott e Lacan. E no mesmo capítulo mostrar que o psicólogo precisa estar atento aos temas relacionados à família, pois é um tema que passará constantemente por ele no dia-a-dia de trabalho e é necessário que ele saiba agir da maneira mais ética e coerente possível.

É importante conhecer e discutir sobre este tema na sociedade contemporânea, pois são muitos os problemas e dificuldades que vemos surgir em várias instâncias e que podem estar relacionadas às questões em torno da função paterna.

1 HISTÓRIA DO CONCEITO DE INFÂNCIA E DA FAMÍLIA

1.1 Evolução da ideia de infância na sociedade ocidental

No decorrer dos anos o conceito de infância mudou bastante, podendo ser vista de várias formas. O conceito que temos hoje de infância e de família não é o mesmo do decorrer da história, pois as mudanças são nítidas. Além disso, fica claro que nem sempre as pessoas seguem o conceito padrão.

O sentimento de infância no período medieval não existia. Segundo Ariès (1981), o sentimento de infância na época medieval não se resumia em afeição e sim a particularidade infantil, podendo assim distinguir a criança do adulto. A infância nesta época ia até os sete anos, porque se considerava que a criança era um ser humano que não falava e não tinha juízo, portanto diferenciava-se do adulto por estas características. E de acordo com Postman (1999), aos sete anos a criança já tinha a capacidade de saber diferenciar o certo e o errado, chamando assim da idade da razão.

Quando a criança completava sete anos de idade, ela já poderia ser considerada um adulto e começava a ir trabalhar no campo ou em fábricas. E a partir deste momento as crianças eram ingressadas no mundo dos adultos. Elas participavam das conversas que continham assuntos diversos como o sexo, por exemplo. Desde muito cedo a criança já tinha alguma vivência sexual, fosse através das brincadeiras com os órgãos genitais, que hoje consideramos muito obscenas e avançadas, fosse pelas experiências que via do adulto (POSTMAN, 1999).

Segundo Postman (1999), os antigos gregos não prestavam muita atenção no que era infância, mas demonstravam muita paixão pela educação. Tanto que Platão fez propostas diferentes para promover a educação entre os jovens, pois ele acreditava que era possível ensinar a virtude e a coragem. Já os romanos melhoraram a proposta

educacional dos gregos e construíram a ideia de infância e a noção de vergonha. A arte romana deu uma maior atenção a criança pequena e o seu crescimento.

Através do surgimento da prensa tipográfica criou-se uma nova concepção de idade adulta que estaria ligada ao ensino da leitura e ao conceito de infância. As crianças foram excluídas do mundo adulto que passou a ser letrado também, sendo assim necessário descobrirem um outro mundo para que elas pudessem habitar criando assim o conceito de infância. A partir daí surgem as escolas, que irão ajudar os indivíduos a tornarem-se adultos e passariam a aprender a ler e escrever. (POSTMAN, 1999).

Com o início da escolarização, as crianças começaram a ter uma atenção diferenciada, para ensinar dentro das escolas tanto que as idades foram estabelecidas separando as crianças dos adultos. A separação das crianças nas classes não aconteceu tão rapidamente, porque as pessoas eram divididas pela capacidade. E para facilitar a transmissão de conhecimento foi criada a diferenciação pela idade cronológica (ARIÈS, 1981).

Segundo Postman (1999), a partir destas diferenciações cronológicas houve o surgimento de outras mudanças como as roupas infantis, as crianças começaram a usar roupas que se diferenciavam dos adultos, as crianças não eram mais consideradas adultos em miniatura, a linguagem se diferenciou dos adultos e a literatura infantil começou a aparecer. Houve também uma pressão da sociedade voltada para a educação, exigindo que os pais tivessem uma aproximação maior de seus filhos, passando a ser guardiões, tutores, protetores e punidores de seus filhos.

A partir do século XIX e XX, a infância começa a ocupar um lugar de fundamental importância para a família e para a sociedade, começa a se pensar neste ser de pouca idade como alguém que necessita de lugar, tempo, espaço e cuidados

diferenciados, começando a delinear-se o que mais tarde evoluiu para o que hoje reconhecemos como infância (AHMAD, 2009). Desde então a infância cresceu em importância na vida do adulto.

1.2 Breve histórico da concepção de família

Este histórico tem o propósito de mostrar, além da forma com que a família tem se configurado no decorrer do tempo, como eram designados os papéis de cada membro da família diante da sociedade.

De acordo com Ariès (citado em GOMES, 1998), na Idade Média se desconhecia o conceito de família, aparecendo nos séculos XV e XVI, mas se manifestando bastante no século XVII. Apenas o conceito de linhagem era o caráter familiar conhecido até então, que se estendia aos laços de sangue, sem levar em conta os valores oriundos da coabitação e da intimidade. No século XV, ainda era dada muita importância ao ambiente externo, como na Idade Média; o espaço externo era o prolongamento da vida privada, do cenário familiar, do trabalho e das relações sociais. A vida privada ocorria mais na rua do que na própria casa as cenas de interior e intimidade, antes desse século, são muito raras (ARIÈS, apud GOMES, 1998).

Quando nos referimos à família na atualidade logo pensamos em pai, mãe e filhos, onde existe troca de afetividade, amor mútuo, respeito, mas na época medieval não era assim. As famílias desconheciam a afeição entre seus membros e elas eram formadas por uma única finalidade que era a conservação de bens, tanto que os casamentos eram arranjados para que aumentassem os benefícios familiares. As trocas afetivas eram trocadas com vizinhos, amigos, mas nunca dentro da própria família. Era

uma geração onde as crianças viviam juntamente com os adultos, como já foi citado anteriormente (ARIÈS, 1981).

Com o passar dos séculos, a família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas. Entre a geração física e a instituição jurídica existia um hiato, que a educação iria preencher. O cuidado dispensado às crianças passou a inspirar sentimentos novos, uma afetividade nova que a iconografia do século XVII exprimiu com insistência e gosto: o sentimento moderno da família (ARIÈS, 1981).

Na época medieval foi imposto que as famílias deveriam preparar seus filhos para a vida, mas essa função acabou ficando assegurada à escola. E com o desenvolvimento escolar, os pais começaram a ficar preocupados com a educação de seus filhos. E foi a parceria entre a escola e a família que as crianças foram tiradas do mundo dos adultos. Após a preocupação da família em relação à educação dos seus filhos, os pais receberam o incentivo para estarem mais presentes na vida deles. A partir deste momento, o sentimento afetivo muda completamente, ficando mais próximo do nosso sentimento de família (ARIÈS, 1981).

A instituição familiar tem passado por várias modificações decorrentes de mudanças havidas no seu contexto sócio-cultural. E por ser uma instituição flexível, ela tem se adaptado às mais diversas formas de influências, tanto sociais e culturais como psicológicas e biológicas, em diferentes lugares. Ao considerarmos a evolução família no tempo, devemos considerar aspectos tais como: demografia, vida privada, papéis familiares, lugar, parentesco, transmissão de bens, ciclo vital da família e rituais de passagem (HINTZ, 2001).

Segundo Vaistman, (HINTZ, 2001), na família hierárquica o homem tinha total poder dos membros da família, seja mandando e controlando, pois todos viviam do poder econômico deste. A mulher naquela época vivia para fazer os trabalhos domésticos e enquanto o homem da casa não estava ela é que exercia o poder. Somente depois de a legislação brasileira ter sido aprovada em 1943, a mulher casada passou a ter o direito de trabalhar fora de casa, sem que seu marido autorizasse.

A sexualidade do casal era vivenciada de forma diferente, o homem tinha uma liberdade sexual ampla e estimulada. Enquanto a mulher devia manter-se fiel ao marido. Até pouco tempo, as mulheres não tinham autonomia, no início do século XX, era freqüente as mulheres serem analfabetas, tendo adquirido direito de voto em 1934 e em 1960 a mulher era considerada relativamente capaz de evoluir (HINTZ, 2001).

De acordo com Hintz (2001), após as duas guerras mundiais e a revolução industrial, nas décadas de 50 e 60, a família sofreu algumas modificações. A família começou a dar mais importância à união conjugal, passando a ter mais afeto entre marido e mulher, os pais se aproximando e tendo mais diálogo com os filhos e as demonstrações de afetos se tornando cada vez mais explícitas (HINTZ, 2001).

Em seu processo evolutivo, a família também se modificou quanto ao número de membros pertencentes ao sistema de uma família extensa do início do século XX, onde conviviam pais, filhos, parentes e empregados, passou a ser, na segunda metade do século, denominada nuclear, onde somente convivem pais e filhos. Com o passar do tempo o modelo anterior, foi se transformando, predominando as responsabilidades dos pais para com seus filhos, diminuindo o apoio do restante da família. Fatores emocionais e culturais também contribuíram para que houvesse um distanciamento da família com a sua família de origem. Esta nova família passa a habitar sozinha um espaço, o qual permite estabelecer uma separação adequada de suas famílias de origem,

com as quais deve manter relações afetivas, mas não de dependência, procurando evitar que as famílias de origem interfiram em suas decisões (HINTZ, 2001).

Atualmente a tecnologia toma conta de todas as famílias, as invenções de objetos eletrônicos vieram para melhorar e dar mais comodidade a todos, segundo Hintz (2001), acaba prejudicando o relacionamento entre pais e filhos, mas também tem o seu lado positivo os filhos aprendem a manusear tais objetos com facilidade e com isso ensinam os pais a usar a nova tecnologia, ocasionando uma mudança na relação, retirando os pais do lugar de saber absoluto.

Segundo Hintz (2001), um tipo de estrutura que vem crescendo bastante nos últimos tempos são as famílias monoparentais que são formadas por pais ou mães únicos. Esse tipo de família é decorrente de separações entre os pais, onde os filhos ficam no cuidado de um dos pais e o outro não assumiu a parentalidade ou um dos pais é solteiro e o outro nunca chegou a assumir o filho. Essas famílias monoparentais, encontram-se em número maior, formadas por mães solteiras ou separadas que criam seus filhos sozinhas ou com a ajuda de alguém.

Outro tipo de estrutura familiar que Hintz (2001) cita é a família reconstruída que também é bastante comum nos dias de hoje. Ela consiste em recasamentos, o casal se separa, mas não impede que formem uma nova família. Após a separação cada um toma o seu rumo, arranjando novos companheiros e formando assim uma nova família. Atualmente esse modelo nem sempre é bem vindo, perante os filhos, pois envolve dificuldades sociais e emocionais, enfim, de relacionamento.

Nessas famílias os relacionamentos ampliam-se, pois além dos filhos do casal original, há os filhos dos outros casamentos dos parceiros e, possivelmente, haverá os filhos do casal atual. Nesses relacionamentos surgem impasses quanto aos direitos e deveres de cada um, qual o papel a ser vivido por cada membro dessa família. As

disputas entre os irmãos ou filhos dos casamentos anteriores podem levar o casal atual a conflitos futuros (HINTZ, 2001).

Atualmente, alguns casais estão preferindo uma união sem casamento ou cada um morando em suas casas. Existem outros casos como as adolescentes que acabam engravidando sem programar. Neste caso Hintz (2001), cita que as decisões a serem tomadas envolvem a adolescente, os pais dela e o pai da criança. Pois geralmente os pais da adolescente acabam assumindo uma boa parte dos cuidados do bebê. E geralmente não há casamentos, os pais da criança continuam morando cada um com seus pais e possivelmente pode acontecer do pai da criança se distanciar após o nascimento ou até mesmo antes. As interferências das famílias são muito grandes, devido à falta de maturidade dos adolescentes, ou a uma imaturidade atribuída a eles pelos pais, necessitando que sejam sustentados e/ou orientados pelos mesmos (HINTZ, 2001).

Após rever os conceitos de infância e família, é possível ver a mudança dos conceitos da época medieval até os dias de hoje. Atualmente podemos ver, que o valor afetivo é muito importante e bastante diferente daquela época, pois assim vemos que os casamentos estão mais liberais e as crianças tem mais chance de terem uma infância melhor. Para compreender melhor as relações nos modelos familiares contemporâneos, a seguir será apresentada a concepção de função materna e paterna de acordo com a teoria psicanalítica.

2 CONHECENDO E RECONHECENDO AS FUNÇÕES MATERNA E PATERNA NA ATUALIDADE

2.1 Mãe – uma questão de sobrevivência

Durante a gravidez ocorre uma identificação cada vez maior entre a mãe e seu filho. A criança é associada pela mãe à ideia de um “objeto interno”, um objeto imaginado para ser instalado dentro e aí mantido apesar de todos os elementos persecutórios que têm lugar na situação. O bebê tem outros significados na fantasia inconsciente da mãe, mas é possível que o traço predominante nesta seja uma vontade e uma capacidade de desviar o interesse do seu próprio *self* para o bebê. Esse aspecto da atitude da mãe é denominado como “preocupação materna primária” (WINNICOTT, 2005).

Segundo Winnicott (2005), essa preocupação primária mostra que a mãe tem capacidade de cuidar do seu filho, sendo ela a única a saber o que ele está sentindo. A mãe tem a capacidade de abdicar o seu próprio *self* em função do seu filho, mas no decorrer do tempo ela vai voltando aos seus afazeres normais, caso a criança venha a permitir. Quando a criança permite que a mãe volte aos seus afazeres é porque os espaços psíquicos entre esta e sua mãe já estão perfeitamente distintos, acontecendo assim à dependência relativa. É uma fase em que a criança irá se adaptar em não ter a presença materna em determinados momentos. A criança vai começar a desenvolver a sua personalidade, vai se relacionar melhor socialmente e aos poucos se sentirá mais segura quando a mãe não estiver presente (WINNICOTT, 2008).

De acordo com Winnicott (2005), uma mudança já esperada no primeiro ano de vida é a aquisição de independência. A independência vem através da dependência, pois assim a criança já tem a capacidade de saber quando deve ser o centro das atenções.

Neste aspecto a mãe já é capaz de adaptar-se a essa nova fase da criança. Mas também algo normal de se acontecer é a independência ser conquistada e perdida por várias vezes. Este caso da independência ser conquistada e perdida não é uma tendência que a criança possa ter. É algo que pode acontecer caso a criança tenha uma adaptação muito sensível com a mãe e esta corresponde as suas necessidades. Agora se a mãe não atender as necessidades do filho ele pouco a pouco conquistará a sua independência.

Através da presença da mãe suficientemente boa, a criança pode iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real (real no sentido da criança ter experiências com o contato corporal). Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o *self* verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso *self*. Este último precisa aprender a lidar com as “bofetadas do mundo”(WINNICOTT, 2005). Muitas experiências vividas pelo bebê se tornam invasivas ou frustrantes, onde ele pode sentir-se agredido, como por exemplo, ao se tirar a roupa do bebê bruscamente antes do banho ou da troca de fraldas, ele se sente invadido; outras geram uma sensação de perda ou abandono, como por exemplo, a mãe se ausentar por um tempo prolongado de modo rude e sem tentar prepará-lo para isso. (WINNICOTT, 2005).

De acordo com Winnicott (2005), o desenvolvimento adequado da criança sinaliza que a parceria entre mãe e filho está funcionando muito bem e o seu ego é forte e reforçado desde cedo tornando-se verdadeiro – *verdadeiro self*. Se o apoio do ego da mãe não existe, ou é fraco, ou intermitente, a criança não consegue desenvolver-se pessoalmente, o ambiente passa então, a atrapalhar o desenvolvimento que a criança se encontra e fatores genéticos podem influenciar também.

Esses fatores genéticos influenciam a partir do momento em que a mãe confronta o filho real com o ideal, como por exemplo, o filho que nasce com uma

síndrome. Há mães que se decepcionam ao verem que seu filho não é o que elas idealizaram e outras agem de forma diferente, aceitam o seu filho real. A identificação é por onde a criança “começa”.

Neste estágio, pode-se dizer que o *self* da criança é apenas potencial. No sentido das experiências que a criança irá adquirir com o seu desenvolvimento, levando-as consigo, como por exemplo, derrubar um brinquedo sem querer e depois esse comportamento poderá se tornar voluntário. Retornando a este estado, o *self* de cada criança ainda não se formou, mas as memórias e expectativas podem agora começar a acumular-se e formar-se. Isto só acontecerá, quando o ego da criança for forte e reforçado (WINNICOTT, 2005).

Ainda de acordo com Winnicott (2005), existem três funções da mãe suficientemente boa que são: o *holding* que numa tradução aproximada seria sustentar, acolher; *handling* que mais ou menos se aproxima do termo em português manipular e *object presenting*, que significa apresentar objetos. O *holding* é a capacidade da mãe de identificar-se com seu filho. Um *holding* satisfatório é aquele que é baseado no cuidado, já o deficiente produz uma aflição na criança, baseado na sensação de despedaçamento. O *handling* facilita a formação de uma parceria psicossomática na criança, contribuindo para a formação do sentido do “real”, em oposição ao “irreal”. Já *object presenting* dá início a capacidade do bebê de relacionar-se com os objetos. As falhas nesse cuidado bloqueiam ainda mais o desenvolvimento da capacidade da criança de sentir-se real em sua relação com o mundo dos objetos e dos fenômenos (WINNICOTT, 2005).

Segundo Winnicott, citado em Borges (2005), a mãe empresta o seu corpo temporariamente, dando à criança a ilusão de que ela e a mãe são uma só pessoa. E justamente no período inicial da vida do bebê, a mãe dá essa noção de que o corpo dela

é uma continuidade dele, para assim as vivências de frustração não sejam intensas. E com a presença da mãe sempre por perto dá a noção de que ele continua a existir.

Um dos aspectos principais da função materna para Winnicott (BORGES, 2005) é o *holding* e como já foi citado acima, é uma função de acolhimento, de amar e a capacidade da mãe de se identificar com seu filho. Essa é uma forma intuitiva que a mãe tem para saber e perceber quais as necessidades da criança, podendo assim ela saber discriminar as necessidades do filho e dela própria. Para Winnicott, essa dedicação é um disponibilizar emocional da mãe-mulher. A mãe é totalmente capacitada a cuidar do seu bebê, mas nem todas as mulheres conseguem desenvolver esta capacidade. Mas toda e qualquer mulher que tem este desejo profundo de ser mãe consegue desenvolver. Caso essa mãe não seja a biológica, seja uma mãe adotiva ou algum parente do bebê que esteja exercendo essa função, irá adaptar as necessidades da criança e com o tempo se identificará com ela.

O referencial que toda mãe tem inicialmente no contato com o bebê é o de suas próprias vivências. Em termos de vivências, de cuidados essenciais as mães tendem, como por exemplo, a agasalhar seus filhos pela própria percepção de calor ou frio. No entanto uma mãe percebe seu filho como sujeito (como outro ser individualizado dela) pode perceber que este tem suas próprias percepções de calor ou frio, de acordo com suas próprias características. Isto vale para aspecto de cuidados essenciais, assim também como para os cuidados que se referem ao aspecto psíquico e emocional. E neles, a mãe deve saber separar as necessidades da criança com as suas (BORGES, 2005).

Para Winnicott (1982), na função paterna cabe à mãe deixar o pai participar da criação do filho. É necessário a mãe abrir um espaço para que o pai mostre que tem capacidade de cuidar do filho e ela se sentir segura em deixá-lo aos cuidados do pai. O

pai tem como função também dar um apoio moral a mãe, pois é importante ter alguém que tenha autoridade, sustente a lei e a ordem que a mãe implanta na vida da criança. Ele não precisa estar necessariamente o tempo todo, mas deve aparecer com bastante frequência, para que a criança sinta que o pai é um ser real. E todas as mães devem estar aptas para agirem com autoridade, independente da presença ou da ausência paterna.

2.2 Pai - O estatuto da Lei – a metáfora paterna

Segundo Hurstel (1999), é importante ter um ser significativo junto com a mãe e o filho, que no caso é a figura paterna. A mãe sabe da importância da palavra pai, que traz consigo a autoridade e a lei, pois ela sabe que existe um laço primordial entre a criança e a mãe através do pai. Em alguns casos o pai é visto como um princípio separador, pois será ele que irá separar a criança da mãe.

De acordo com Lacan, citado em Forbes (sd), a castração - que é a Lei, que interdita o incesto, ou a ilusão de completude imaginária entre mãe e bebê – fundamenta-se pela falta de um objeto Imaginário. Ou seja, a mãe trará um outro elemento para a criança (além dela e do filho), que lhes servirá de intermediário, e este elemento é o significativo Nome-do-Pai.

Na visão de Lacan citado em Borges (2005), a figura paterna e materna tem relação com três aspectos: o real, imaginário e simbólico. O registro real é aquele que não pode ser simbolizado, nem integrado imaginariamente. Relação com o corpo e com as experiências pelas quais passamos no contato corporal. O imaginário, por um lado quer dizer falso, pois aponta à ilusão de autonomia da consciência. Por outro lado, tem a ver diretamente com as representações e as imagens, as “matérias-primas das identificações” (BORGES, 2005). Refere-se às fantasias, capacidade imaginativa, uma

área do psiquismo onde as coisas ganham representação, a partir de experiências. Já o registro simbólico, tem na linguagem, sua expressão mais concreta, regendo o sujeito do inconsciente. Ela é a “causa e o efeito da cultura, onde a lei da palavra interdita o incesto” (BORGES, 2005 p. 24). Pressupõe uma capacidade de elaboração maior, ou seja, um nível mais evoluído da capacidade de pensar, em relação ao registro do imaginário, refere-se à capacidade de ir além das representações, dando novos sentidos.

Hurstel (1999) ajuda a esclarecer a distinção entre os três momentos do Édipo, sendo o pai o operante em cada um desses momentos. No primeiro momento, é a eficiência de um significante, o Nome-do-Pai, portanto esse pai é chamado de “simbólico”. Pois esse pai só vai aparecer – na relação da criança ao Outro (mãe) – através da relação com a mãe, porque a criança ainda busca a identificação com o que ela supõe ser o objeto de desejo da mãe. Neste caso a criança busca ser o falo, ou seja, quer ser aquele que proporciona algo à mãe, que mais ninguém possa, além dele. O segundo momento é a chegada do pai, ou seja, a “figura do pai ideal” causando uma privação na relação mãe e filho. É o momento de a criança aceitar a presença paterna e não ser mais o falo e também não tê-lo. A função paterna irá se destacar por sua estrutura, por suas características e determinará para a criança o seu acesso ao simbólico. O terceiro e último momento é quando a criança se identifica com o pai e volta a ter o falo. Com isso a criança volta a ser o objeto da mãe novamente. Devido à proibição do incesto, a criança perde o objeto de amor e de identificação e com essa perda arrumam-se objetos substitutivos para suprir essa demanda.

Ou seja, no primeiro tempo do Édipo, o pai é um nome, um significante. Esse nome a criança o notará na mãe na forma da “questão fálica”, isto é, na forma do que ela pode significar de seu desejo. O Nome-do-Pai aparece primeiro como um significante: “É no ‘Nome-do-Pai’ que devemos reconhecer o suporte da função simbólica que desde

o início dos tempos históricos identifica sua pessoa à figura da lei” (LACAN, 1966, apud HURSTEL, 1999). Esse significante do Nome-do-Pai só se torna primeiro para a criança na operação de substituição significante que é a “metáfora paterna”, ou seja, o pai se tornará o significante primordial ao substituir a mãe (HURSTEL, 1999).

É no desenvolvimento da metáfora paterna que se inicia o segundo tempo do Édipo, o qual se caracteriza pelos efeitos imaginários no sujeito, efeitos que são induzidos através da transferência com o pai vindos da “onipotência” atribuída inicialmente à mãe. Este é concebido então como o “privador e interditor”, constituindo na criança a figura de um pai ideal (HURSTEL, 1999).

Essa operação se realiza na medida em que a criança endereça à mãe uma demanda de ser tudo para ela. Segundo Lacan (citado em Hurstel, 1999), a metáfora operante é a relação da mãe (não com pai, como figura concreta apenas), mas à palavra do pai: “(...) aquilo sobre o que queremos insistir é que não conviria se ocupar unicamente da maneira como a mãe se acomoda com a pessoa do pai, mas da importância que ela atribui à sua palavra, digamos o termo, à sua autoridade, dito de outro modo, do lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai na promoção da Lei” (LACAN, 1966, apud HURSTEL, 1999, p. 77).

Para Lacan (apud DOR, 2011) o pai é o estranho que barra esse primeiro Outro que para a criança é a sua mãe. Na concepção do filho, ele é o único objeto que pode satisfazer o desejo da mãe e no momento em que o pai aparece o filho começa a ter um momento de incerteza. Surgindo assim uma rivalidade simbólica, à princípio, entre ambos.

O “pai ideal” de acordo com Hurstel (1999), é um pai fantasiado como aquele que não erra e não marcado pela castração. Se a figura do “pai ideal” tira a criança da posição de “ser o falo” da mãe para colocá-lo em posição de disputar com todos os que

supõem “ter um falo”, deixa-o sem recursos diante de uma lei vivida como totalitária. O pai ideal é um interditor absoluto, pois não interdita somente a mãe, mas tudo. Nem sempre este pai é o positivo e nem cumpre sua verdadeira função, pois ele pode bloquear o desenvolvimento da criança, podendo causar medo, insegurança e até mesmo estagnação. Esta confrontação com o pai, segundo Lacan é o terceiro momento do Édipo.

Na visão de Golse (1998) sobre o complexo de Édipo, a criança sente atração por um dos pais e sente rejeição pelo outro. No caso da menina, pegará o pai como o seu ideal e deixando a mãe de lado. No menino, ele rejeita o pai e não aceita que a mãe não tenha o pênis igual ao dele, mas mesmo assim ele luta pelo amor da mãe e torna-se rival do pai.

Cada pai participa da interdição que ele representa e dos efeitos dessa representação: para a criança ele é o poderoso e tem o que é preciso para satisfazer a mãe. A função do pai é de “tomar para si a angústia da criança” e assim tranquilizá-la em relação à ameaça que representa a mãe e seu desejo, esse desejo vivido pela criança como totalitário, fálico, depois transportado ao “pai (ideal)” (HURSTEL, 1999).

De acordo com Speller (2005), a função ou metáfora paterna está ligada à instalação do sujeito fálico na vida da criança, podendo ser exercida pelo pai biológico, um pai adotivo ou por um parente da própria criança. O falo significante da falta é o terceiro termo entre mãe e filho. A função paterna refere-se a uma metáfora, a alguma coisa no discurso concreto em que sujeito se constitui, que inscreverá a criança na ordem fálica [simbólica] ao apontar a mãe como faltosa, castrada, desejante de outra coisa além da criança, que estará assim liberada da dualidade [mãe/filho] da célula narcísica imaginada com a mãe, tendo acesso ao mundo simbólico, mundo da falta, mundo do desejo. Como diz a autora:

Operando a castração, sob o efeito da operação significativa a partir da Metáfora Paterna que substitui o desejo da mãe pelo Nome-do-Pai, será possível à criança, no campo da linguagem, campo da cultura, atribuir significações fálicas. O Nome-do-Pai, implicando que cada um tem seu significante do pai e que podem existir vários significantes do pai para um mesmo sujeito, conferindo-lhe sua maneira, seu estilo de inscrição no Outro. [...] o Nome-do-Pai possibilita ao filho definir a sua identidade sexual e desejar parceiros fora da família, num referencial sociocultural (SPELLER, 2005, p. 103).

De acordo com Speller (2005), a metáfora paterna acontece a partir do momento em que a criança se sente um pouco mais independente da mãe, acontecendo um “rompimento” natural entre a mãe e a criança. Ou seja, a metáfora paterna é a substituição de um significante (a mãe) por outro significante que é o pai biológico ou adotivo. Assim dará a chance da figura paterna participar do desenvolvimento e se tornar cada vez mais próxima dela. Dessa maneira, a criança atribuirá às significações fálicas através das experiências vividas pelos pais (fatores simbólicos). Pode existir para uma única criança vários significantes do pai, como por exemplo, um avô, um tio e em alguns momentos até mesmo o trabalho ou ocupações externas da mãe.

A seguir apresentamos a discussão sobre a função do Pai nas teorias de Winnicott e Lacan, tão presente na psicanálise e tão enfraquecida na contemporaneidade, apesar de continuar sendo fundamental.

3 DISCUSSÃO SOBRE O PAI NAS TEORIAS DE WINNICOTT E LACAN

3.1 A função do Pai na teoria de Winnicott

Segundo Winnicott (1982), o aparecimento do pai é um momento delicado e para que tudo ocorra bem dependerá exclusivamente da atitude que a mãe irá tomar, ou seja, se o pai poderá ou não conhecer o seu bebê. Pois para a mãe é difícil saber em que o pai possa ser útil ao ajudá-la com o bebê, com isso ela prefere fazer a maioria das coisas sozinha. Mas a mãe tem consciência de que é necessária a ajuda do pai, para que ela possa se organizar em suas tarefas.

A chegada de um filho sempre será um aprendizado para ambos, pois Winnicott deixa bem claro que a presença paterna é muito importante tanto para a mãe quanto para o filho. E essa chegada do pai deve ser concedida através da mãe, mas o pai tem que querer também essa aproximação para que seja um momento bom para os três.

De acordo com Winnicott (1982) o pai deve dar total apoio moral a mãe, ou seja, ser a autoridade, a lei e a ordem perante a criança. Ele não precisa estar o tempo inteiro presente para cumprir essa missão, mas precisa aparecer com bastante frequência para que a criança sinta que o seu pai é real. É fato que quem cuida da maior parte da vida da criança é mãe e a criança gosta disso e se sente segura mesmo o pai estando presente ou não. Sendo que a criança estará sujeita num determinado momento amar um dos pais e o outro ela odiar.

É difícil começar a descrever as maneiras pelas quais um pai enriquece a vida dos filhos, tão amplas são as possibilidades. As crianças formam seus ideais, pelo menos em parte, como base no que veem ou pensam que veem, quando olham para o pai. Um novo mundo se abre para elas quando o pai gradualmente desvenda a natureza

do trabalho para onde sai todas as manhãs e do qual regressa todas as tardes. (WINNICOTT, 1982)

Winnicott (1975) fala da importância do pai ter tempo para brincar com seus filhos. Às vezes os mínimos gestos que o pai faz, a criança já ficará feliz pelo fato do dele estar ali com ela. É muito natural os filhos idealizarem seus pais, sendo uma experiência única onde ambos poderão se conhecer. Tanto que Winnicott (1982) cita um exemplo de um casal de irmãos que pensaram estar passando um tempo maravilhoso na guerra, quando o pai estava no exército. As crianças moravam com a mãe em uma bela casa, onde tinha um jardim enorme e por várias vezes eles queriam acabar com a casa, como se estivessem numa guerra. Então Winnicott (1982) chegou a conclusão que essas atitudes das crianças eram tentativas inconscientes para forçarem o pai aparecer como pessoa.

Para Winnicott (2005) família é algo essencial para todos nós, pois é através deles que nos tornamos quem somos. O modo como as famílias são organizadas é a mostra de como nossa cultura age. Pensando na visão atual de família, não podemos considerar como desestruturada uma família não tradicional, mas sim, a família, que apesar de ter passado por uma reconfiguração – separação e novos casamentos – ainda assim mantém-se como estrutura de base, ou seja, a rede de apoio da criança, por exemplo. A família nunca deixará de ser importante, porque é nela que encontramos nossa fonte de acolhimento.

[...] A família tem seu próprio crescimento, e a pequena criança experimenta mudanças que advêm da gradual expansão e das tribulações familiares. A família protege a criança do mundo; este, porém, aos poucos vai se introduzindo: as tias e tios, os vizinhos, os primeiros grupinhos de crianças, e por fim a escola. Essa introdução gradual do ambiente externo é a melhor maneira de levar uma criança a entrar em bons termos com o mundo mais vasto, e segue de modo exato o padrão pelo qual a mãe apresenta à criança a realidade externa. (WINNICOTT, 2005, p. 60)

De acordo com Winnicott (2005), a chegada dos filhos pode se tornar algo inoportuno. Há casos em que os filhos não são bem-vindos, pois os pais não se sentem preparados e nem chegaram a aproveitar os primeiros momentos de seu casamento. Sabemos que com o nascimento dos filhos a relação e a rotina do casal muda bastante, e com isso pode causar um sofrimento à ambos. Mas é claro que não se pode generalizar, pois existem casos contrários a estes. Winnicott (2005) diz que muitas das vezes a criança é vista como um “aborrecimento”, mas ela vindo em uma boa hora é um “aborrecimento perfeito”.

“A existência da família e a preservação de uma atmosfera familiar resultam do relacionamento entre os pais no quadro do contexto social em que vivem. A “contribuição” que os pais podem dar à família que estão construindo depende em grande medida de seu relacionamento geral com o círculo mais amplo que os envolve, ou seja, seu contexto social imediato. Pode-se usar aqui a imagem de círculos concêntricos cada vez mais largos: cada grupo social depende, para ser o que é, de seu relacionamento com um grupo social mais vasto. É claro que os círculos se superpõem. Muitas famílias parecem não ser mais do que um grande problema, e, no entanto, não suportariam ser arrancadas do solo onde vivem e transportadas para outro local.” (WINNICOTT, 2005, p. 61)

Para Winnicott (2005), os pais precisam dos seus filhos para que possam desenvolver o seu relacionamento. O que os pais sentem pelos filhos é um misto de sentimentos, e os filhos querem dos pais algo além do amor, ou seja, algo que continue vivo mesmo quando os filhos são odiados, ou fazem por sê-lo.

3.2 O Nome do Pai na teoria de Lacan

O pai para Lacan (1999) é aquele que irá sustentar a autenticidade, pois é através da mãe (significante) que o pai (Outro) será visto como a sede da lei. Em Lacan (2005, apud COSTA, sd) mostra a essência e a função do pai como Nome. Considera ele que o pai não é somente um, mas sim vários, pois é possível reconhecermos as funções de genitor, provedor e educador, por ele exercidas, sobre as regras de aliança e filiação. Ao elaborar o conceito - Nome do Pai - ele diz que os nomes são: real (necessidade), simbólico (socialização) e imaginário (deslocamento).

Existe uma soberania da função paterna que vem da ideia de Pai simbólico, originada na existência concreta e histórica enquanto Pai real. Mas é comum levar em consideração o Pai imaginário, que vem a ser um pai idealizado, mas sem esta idealização nenhum Pai real poderia receber a investidura de Pai simbólico (DOR, 2011).

Para Lacan (sd, apud DOR, 2011), a primeira relação entre mãe e filho chama-se fálica. Mas no meio disso existe a triangulação edipiana que é Pai-mãe-filho e não pode ser descartada e deve, sim, “ser compreendida em referência a esta unidade fundadora que a ordena: o *falo*, entidade tanto mais irredutível quanto é a unidade significante do real da diferença dos sexos. Enquanto tal, o falo constitui assim o centro de gravidade da função paterna, que vai permitir a um Pai real chegar a assumir a sua representação simbólica, chegando como uma referência à relação da mãe com seu filho” (DOR, 2011).

É interessante citar a maneira como Lacan fala sobre o complexo de Édipo através da fantasia de castração, a proibição do incesto com a mãe e o valor que tem a imagem inconsciente da figura paterna. Quanto à repressão da sexualidade, essa concepção baseia-se, como indicamos, na fantasia de castração. Se a teoria relaciona essa fantasia a uma ameaça real é, antes de mais nada, porque, Freud reconhece a

dificuldade em manter o conceito quando se trata da menina, portanto, é preciso reconhecer a existência da fantasia na menina ou de uma imagem fálica da mãe nos dois sexos, com isso viu-se obrigado a precoces revelações da dominação do sexo masculino, revelações que conduziriam a menina à nostalgia da virilidade, a criança a conceber sua mãe como viril. (...) (LACAN, 2008).

Na fantasia de castração a mãe é ponto central. De acordo com Miller (sd), a mãe é o fator desencadeante na castração não é a questão do desejo genital que motiva o Édipo, mas sim a angústia que poderá ocasionar. Com isso a castração se torna uma defesa do eu narcísico diante da angústia renova a identificação com a mãe.

A fantasia de castração se relaciona a esse mesmo objeto: sua forma, nascida antes de qualquer referência do corpo próprio, antes de qualquer distinção de uma ameaça do adulto, não depende do sexo do sujeito e determina, de preferência, que ela não sofra as fórmulas da tradição educativa. Ela representa a defesa que o eu narcísico, identificado a seu duplo especular, opõe à renovação de angústia que, no primeiro momento do Édipo, tende a abalá-lo: crise que não ocasiona tanto a irrupção do desejo genital no sujeito quanto o objeto que ele reatualiza, a saber, a mãe. À angústia despertada por esse objeto o sujeito responde reproduzindo a rejeição masoquista com a qual ultrapassou sua perda primordial, mas ele a opera segundo a estrutura que adquiriu, ou seja, numa localização imaginária da tendência.” (LACAN, 2008, p. 49)

De acordo com Miller (sd), há uma invasão de um objeto que não é o objeto materno, mas sim um objeto de identificação que intervém mesmo sendo um obstáculo. É justamente nesse momento que a imagem paterna surge. A partir daí Lacan verá que o pai é um objeto completamente diferente do outro objeto, pois ele não dá nenhuma satisfação, mas haverá uma identificação ideal.

Para Lacan (2008), o ideal seria manter a estrutura familiar numa formação tradicional, ou seja, com o casamento, mas como o ideal nem sempre se concretiza, existem outras opções. Quando Lacan definiu isso estava num outro contexto histórico da sociedade, hoje sabemos que o formato tradicional de família se modificou, portanto,

é preciso compreender e aceitar a mudança. Mas se pararmos para pensar os moldes de família hoje está muito diferente do que era naquela época. Segundo Roudinesco (2003) as famílias hoje não estão mais seguindo a tradição. Há muitos casos em que os casais resolvem morar juntos e já se sentem casados, mas isso não quer dizer que este “estilo de casamento” vá influenciar a criação de seus filhos. E o pai não deixará de ter a sua autoridade perante aos filhos.

Quando se forma uma estrutura familiar, Lacan (2008) diz que alguém dessa família deve ter a autoridade, sendo assim uma responsabilidade também do pai. Mas de acordo com a tradição, a criança irá observar a ordem das gerações em sua família, na qual ela mesma poderá substituir o pai pelo avô, ou por outro membro da família, caso seja necessário.

O supereu (internalização das regras culturais) e o ideal do eu são, com efeito, condições de estrutura do sujeito. Se eles manifestam em sintomas a desintegração produzida por sua interferência na gênese do eu, também podem se traduzir por um desequilíbrio de sua instância própria na personalidade: por uma variação daquilo que se poderia chamar de a fórmula pessoal do sujeito. Essa concepção pode se estender a qualquer estudo do caráter, para o qual, por ser relacional, traz uma base psicológica pura à classificação de suas variedades, ou seja, uma outra vantagem sobre a incerteza dos dados aos quais se referem as concepções constitucionais nesse campo predestinado à sua eclosão. (LACAN, 2008)

4 DISCUSSÃO

O pai é muito importante e que serve de referência para seus filhos. A função paterna é um assunto que muitas das vezes não tem muito destaque em algumas teorias como a função materna tem.

O pai na contemporaneidade desempenha o papel bastante diferente do pai de séculos atrás. A função paterna era fazer com que a criança se tornasse um adulto muito cedo, ou seja, que começasse a trabalhar e a participar do convívio com os adultos. A partir desse momento já se pode ver a falta de afetividade, ausência e presença da figura paterna na vida de uma criança. Tanto que a mãe fazia tudo sozinha sem contar com a ajuda do pai.

O conceito de família como foi visto anteriormente não era um conceito tradicional como nos dias de hoje. Como apresentado por Ariès (1978), a ideia de família não existia, se resumia somente a laços sanguíneos e a conservação de bens, totalmente diferente do que se tornou o conceito desta atualmente.

Com o decorrer dos tempos, podemos dizer que o conceito de família mudou. Como vimos na concepção de Winnicott (1982) família é onde descobrimos nossos valores e nos tornamos quem somos, ou seja, é nosso alicerce e o reflexo de nossa cultura. Quando pensamos em família vem imediatamente em nossa mente o pai, mãe e filhos, mas na contemporaneidade nem sempre as famílias são formadas desse modo. Como por exemplo, o surgimento das mães que criam seus filhos sem a presença do pai.

Em Lacan e Winnicott, a cultura influencia muito no conceito familiar e é justamente neste ponto que diferencia as pessoas. Para se formar uma família nos dias de hoje é necessário ter uma estabilidade financeira boa para que se tenha uma condição de se criar filhos. Mas a cultura às vezes impõe determinados pontos que fazem com

que as mulheres decidam ter seus filhos o quanto antes, seja pela idade avançada, pelo fato de ser solteira, inseminação ou adoção. Em alguns casos as mulheres acabam pensando demais nelas e esquecendo-se dos seus filhos. Para Roudinesco (2003, p. 47) “as mães acabam traduzindo as angústias de um mundo abalado por suas próprias invenções”, ou seja, elas têm consciência da situação em que vivem e o que as conforta é o fato de existirem outros casos semelhantes aos delas.

Quanto ao futuro da família, Roudinesco (2003) fala que a tendência é a mãe tomar o poder do pai. E realmente a mãe/mulher vem tornando seu espaço cada vez maior, pois ela vem com essa capacidade inata de conseguir se desdobrar em mil para dar conta de tudo, ela é mãe, mulher, esposa e trabalhadora. E ao longo dessa evolução Roudinesco (2003, p.50) afirma: “*A família do futuro precisa ser reinventada.*”. E com esta frase, acaba refletindo um pouco o que vem ocorrendo em nossa sociedade. Devemos respeitar as diferenças e o modo de ser de cada um.

Ao falarmos de família nos vem em mente pai e mãe. Como descrever duas peças tão importantes na vida de cada um de nós? Primeiramente a mãe, ela é a primeira pessoa com quem o filho se identifica, em Winnicott (2005), essa identificação já ocorre durante a gravidez. Durante esse período a mãe já consegue amá-lo e já mostra a sua capacidade de cuidar e saber o que ele está sentindo. E há muitos casos em que essa identificação não ocorre durante a gestação, mas sim depois do nascimento. A gravidez para a mulher é um misto de emoções e sentimentos, pois um filho mudará para sempre a sua vida.

É de extrema importância a identificação entre mãe e bebê, pois através dela que a criança irá se desenvolver. Mas há casos em que isso não acontece, a mãe acaba se decepcionando ao ver que o filho não era o que ela esperava ou desejava. Winnicott (2005) cita o exemplo que o bebê nasce com uma síndrome, neste caso a mãe confronta

o seu filho real com o que ela tanto idealizou, causando uma decepção e consequentemente podendo ocorrer uma depressão. E nesses casos pode acontecer da mãe entregar o filho para adoção por não ter condições financeiras ou por não estar preparada para ser mãe.

Winnicott (2005) diz que para acontecer a identificação e o vínculo entre mãe e filho é importante que o ego da mãe seja forte, ou seja, o ego da mãe deve estar em harmonia com o ego do filho para que assim ela seja capaz de orientá-lo a ter um bom desenvolvimento. E essa questão da dificuldade com a formação de vínculo, pode causar problemas futuros no desenvolvimento da criança, pois caso a mãe não esteja em harmonia com ela mesma não será possível ter uma identificação com seu filho. Muitas das vezes a mulher não tem o devido preparo para receber a notícia de uma gravidez, pois esta é um fator surpresa e acaba também não aceitando muito bem a ideia de sua atual condição. Diante desta situação a mãe cria sozinha ou com ajuda de algum parente ou alguém próximo.

Muitas mães sentem dificuldade de criarem seus filhos por não se sentirem preparadas para aceitar o ritmo de vida de uma criança. Mas para Winnicott (2005), a mãe-mulher é totalmente capacitada a cuidar do seu bebê, mas nem todas as mulheres conseguem desenvolver tal capacidade. Pois mesmo que não seja a mãe biológica, irá com o tempo se adaptar as necessidades da criança e consequentemente ocorrerá a identificação.

Winnicott (2005) diz que a mãe suficientemente boa é aquela que satisfaz as necessidades do filho e sabe o que ele está sentindo. A mãe com o decorrer do tempo pode se tornar suficientemente boa, através da ajuda de algum parente que na maioria dos casos é a avó que oferece apoio. Mas não necessariamente a avó e sim qualquer outra pessoa que possa apoiá-la nesse momento.

A função materna por Winnicott (2005) é de acolher, amar e se identificar com seu filho. Todas as mulheres têm a capacidade de serem mães, algumas nem tanto, mas isso é algo que irá depender da história de vida de cada uma. Falando dessa “habilidade” maternal, muitas das vezes essa mãe pode não ser a mãe biológica de seu filho, mas isso não quer dizer nada. Ela pode dar o mesmo amor que ela daria a um filho biológico. E atualmente está muito comum as mães terem filhos biológicos e adotarem crianças, como por exemplo, há vários artistas que fazem isso e acabam servindo de inspiração para a sociedade.

Nos dias de hoje é muito comum vermos mães solteiras que por algum motivo não contam com a ajuda paterna. Neste caso quem faria a função paterna? Alguém próximo a mãe venha a ser um homem, uma mulher ou até mesmo a própria mãe. Mas é importante salientar que a mãe também tem a sua autoridade perante a criança, pois quando se é mãe que cria seu filho sozinha é necessário que ela faça o papel duplo, de mãe e pai ao mesmo tempo, sendo carinhosa, amorosa, mas também impondo os seus limites, pois não pode depender do outro, assim como pode contar com o apoio de outras pessoas, como seus familiares ou um namorado.

O papel do pai na teoria de Lacan (2008) é a autoridade e o poder. Como foi citado anteriormente dentro de uma família deve existir alguém que tivesse a lei e esse alguém é o pai. Acima foram citadas algumas funções da mãe e dentre elas é apresentar um outro elemento que participará de seu convívio junto com o bebê. E neste momento que deveria ser de aproximação, acaba sendo de privação, ou seja, privar a relação entre mãe e filho. É uma fase que exige paciência para que pai e filho se conheçam e se acostumem um com o outro.

Essa fase de conhecimento entre pai e filho às vezes pode ser bem mais complicada. À título de exemplo são as mães que criam seus filhos sem ajuda do pai ou

pais separados que por algum motivo não tem contato com seus filhos. São exemplos comuns que vemos muito no dia a dia com parentes, amigos ou conhecidos. E nestes casos muitas vezes o incentivo acaba partindo da mãe, que de acordo com Winnicott (1982) esse papel de ser da mãe, ela deve introduzir o pai no mundo de seu filho.

Lacan (2008) diz que com o surgimento do pai existirá a competição entre ele e o filho para ter o objeto desejado que é a mãe. E justamente nessa fase que o pai mostrará a sua lei e se tornará capaz de substituir a mãe em qualquer eventualidade, e assim Lacan denominou de metáfora paterna.

Winnicott (2005) também concorda com a questão do pai ser a autoridade e ter poder de manter a ordem das coisas, mas também sempre bom o pai procurar participar e estar presente no dia a dia dos filhos, para que se sintam amados perante o pai. Mas o lado emocional contará bastante, como por exemplo, na situação de pais separados é um pouco mais complexo dependendo do caso, pois ali envolverá os dias certos para que o pai veja seus filhos. E nesse caso a mãe deve estar pronta para saber lidar com esse tipo de situação e deixar o pai exercer sua função.

Mediante este trabalho buscamos articular as teorias de Lacan e Winnicott trazendo-as para a contemporaneidade, com exemplos comuns que vemos constantemente seja nos nossos consultórios, acontecimentos em família ou nas escolas. Mostrar as diferenças e semelhanças entre essas teorias que são tão ricas e que através delas podemos ampliar nossos conhecimentos e horizontes independente da sua área de formação escolhida.

Fazer esta discussão hoje é fundamental para compreender melhor as funções materna e paterna, pois a sociedade está carente de informações e de orientações quanto a esta questão. Faz parte do papel do psicanalista trabalhar a favor do fortalecimento da função paterna.

Quando precisamos atender uma criança, na clínica, o contato com a família, seja esta constituída de modo tradicional ou não, deve envolver todos os membros – a mãe, pai, avós, tios e outros precisam ser trazidos para o *setting* terapêutico para serem escutados e, se necessário, orientados, sobre a importância em saber lidar com determinadas situações da vida da criança: o vínculo afetivo, a visão que os adultos têm da criança, a idealização, os limites, a identificação, quem faz a metáfora paterna, enfim, questões que formam um “quebra-cabeça” para o profissional que deseja compreender a complexidade da criança em desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Nome do Pai precisa ser colocado em discussão tanto na sociedade atual quanto no pensamento acadêmico. A Psicologia e a Educação tem assistido atônitas a uma série de problemas recorrentes com crianças e adolescentes que vêm de uma criação sem pai. Muitos certamente mantiveram a função mesmo sem a presença da figura paterna, outros, mesmo como tal figura presente mostram uma carência da Lei simbólica transmitida pelo Nome do Pai. Crianças ditas “sem limites”, crianças “hiperativas”, crianças “devoradoras” do respeito e consideração pelos professores, pais, avós e outros cuidadores. Crianças violentas, agressivas, exigentes de “material imaginário”.

Nosso trabalho foi com o objetivo de analisar as semelhanças e diferenças a partir de duas grandes teorias na Psicanálise, e que o conceito assim como a importância de família continuam existindo, mas com algumas diferenças. As pessoas não se sentem na obrigação de se casarem para formarem uma família. Nestas novas configurações familiares, podem tanto receber da própria mãe a metáfora paterna como podem receber de um outro parente próximo.

No caso das mães que criam seus filhos sozinhas, que foi bastante enfatizado, é crucial que ela precise ser firme e dê continuidade a seu projeto de vida descolado do seu filho para que ele se perceba como um outro ser e não uma parte da mãe.

Através destas teorias pode-se ver a falta que um pai na sua representação simbólica faz para o desenvolvimento da criança, apesar de ter a mãe e familiares por perto, ela sente que falta algo no seu dia-a-dia. Pois o pai está não somente para substituir ou ocupar o lugar da mãe como diz Lacan, nem ser a Lei e autoridade, mas estar ali para ajudar a mãe a criar o seu filho, dar apoio, suporte, brincar, elogiar, enfim

um misto de funções, entre elas, os famosos limites, ou simplesmente, autorizar os limites que a mãe consegue dar.

A intenção deste trabalho não é defender nem condenar a mãe que cria seu filho sozinha ou menosprezar o pai ausente, pois é sabido que ambos tem a capacidade de criar os seus filhos a sua maneira ou entrando num consenso. Muitos acham que somente a mãe sabe criar e dar amor a um filho e um pai não sabe de nada, mas nem sempre isso é fato, muitas vezes os pais acabam sendo muito melhores do que determinadas mães.

Diante de tudo isso é de suma importância que os psicólogos clínicos, escolares e hospitalares tenham noções desse assunto e postura ética, e saibam sempre orientar as mães solteiras, porque é um momento bastante delicado em suas vidas, elas precisam ser ouvidas e receber orientações, pois os seus filhos vem ao mundo sem ter culpa do erro dos pais. Quantas crianças pagam pelo erro do pai que as abandona ou a mãe que acha que não tem condições de criar um filho e o deixa para adoção ou para algum parente criar e some por medo de enfrentar tantos problemas.

O Nome do Pai é importantíssimo em nossas vidas, é algo que não podemos negar. O nosso desenvolvimento e referência como pessoa virá através do pai. Precisamos quebrar em nossa sociedade o paradigma de que o pai é somente a autoridade, mas também nos dá amor e carinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BORGES, M. L. S. F. **Função maternal e função paterna, suas vivências na atualidade**. Disponível em:

<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/1595/1/FuncaoMaternaPaterna.pdf> Acesso em 23/abr/2013.

DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GOLSE, B. (1998). **O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas.

GOMES, J. C. **O sintoma da criança e a dinâmica do casal**. São Paulo: Escuta, 1998.

HINTZ, H. C. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade**. Disponível em:

http://www.domusterapia.com.br/principal/ShowMateria.asp?var_chavereg=18 Acesso em 28/mar/2013.

HURSTEL, F. **As novas fronteiras da paternidade**. Campinas: Papirus, 1999.

LACAN, J. (1957-1958). **O seminário: As formações do inconsciente Livro 5**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. (1984). **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MILLER, J. A. **Leitura crítica dos “Complexos familiares”**, de Jacques Lacan.

Disponível em <http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n2/pdf/artigos/JAMLeitura.pdf>

Acesso em 7/abr/2013.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 2005.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2003.

SPELLER, M. A. R. **Feminino, psicanálise e educação: Do impossível ao possível**. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Editora, 1982.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.